

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

Lula e FH

- Surpreendidos pelo encontro entre Lula e Fernando Henrique, e informados de que a iniciativa e a persistência foi do presidente, o que a oposição e os governistas se perguntavam ontem era: "O que FH está querendo?" A leitura mais corrente, embora o gesto seja mais largo, liga a iniciativa à decisão de criar o Ministério da Produção — dois fatos que apontariam para a busca de bases para mudar a política econômica.

Do que se sabe sobre a conversa, pode-se concluir apenas que foi aberta a porta do diálogo. Combinaram que se encontrão de novo, quando Lula voltar de uma viagem de férias. Ele apresentará então uma agenda específica para o diálogo, e havendo convergência, a conversa passará a ser com o partido. A de ontem foi pessoal, tanto que Lula evitou envolver José Dirceu, preservando assim a direção do PT.

Conversaram como se não tivesse havido o hiato de quatro anos, pois não se falavam desde 1994. Falaram do passado, de coisas que viveram juntos, mas não houve cobranças nem derrame de mágoas. Conversa na sala de estar, e não na biblioteca, sinal de intimidade. Mas é claro que não ficaram nas amenidades. FH mais uma vez agradeceu a seriedade com que Lula tratou o dossiê Cayman, que lhe foi oferecido na campanha, motivo do telefonema de novembro. Isso puxou a conversa do grampo e suas consequências. Lula, em algum momento, criticou duramente o acordo com o FMI. O que o PT pensa do acordo foi tema da palestra da deputada Maria da Conceição Tavares no seminário de ontem. Dracôniano e humilhante, disse ela, listando cláusulas como o monitoramento dos juros, inclusive o aumento das taxas a cada perda de US\$ 6 bilhões de reservas e a ruptura do acordo se elas cairem a menos de US\$ 20 bilhões.

O encontro não estava programado para anteontem, mas Lula estava preparado. Quando veio o convite de FH, discutiu o assunto com o partido. Muitos eram contra. Pessoalmente estava propenso a acei-

tá-lo e um dos que o apoiou foi Marco Aurélio Garcia, que chegou a escrever um texto avaliando os prós e os contras. Aconselhou-o a desconsiderar quaisquer pressões internas. "Lula tem legitimidade para falar até com o capeta sem se queimar", brinca Garcia. O raciocínio que prevaleceu diz que, se FH queria saber exatamente o que o PT pensa, inclusive em caso de agravamento da crise, ao PT interessa também saber o que ele pensa além dos discursos oficiais. Se tencionava discutir sinceramente os problemas do país, Lula não devia recusar. E se eventualmente achasse que douraria seu brasão junto a uma parte da sociedade encontrando Lula, Lula também ficaria bem diante de um outro segmento aceitando o encontro. E assim foi.

Tanto Lula como o governador Cristovam Buarque, eleito como contato entre os dois desde o telefonema, buscaram preservar o teor político da conversa. Os que enxergam aí um passo do presidente para mudar a política econômica têm argumentos. O diálogo com a esquerda segue-se às conversas com o empresariado, também insatisfeita com o rumo das coisas. Para mudá-lo, é preciso ampliar a base social e política do Governo.

Mas é possível lembrar também que, desde a eleição, o PSDB vêm pregando uma inflexão de centro-esquerda no Governo, tendo Mário Covas (tema da conversa também) como referência. A idéia do Ministério da Produção tem aí suas raízes. E a inflexão desejada não seria só para o presente, apontaria também para a sucessão de 2002.

• De Fernando Henrique para Lula, ao apresentar-lhe as

dependências do Palácio da Alvorada na noite de anteontem:

"É bom que você veja tudo, pois você ainda pode vir a morar aqui".